



A EXPERIÊNCIA DA COR: UMA ANÁLISE DA OBRA *O MENINO MARROM* DE ZIRALDO

Luciana Freesz (UFJF)¹

Resumo: Este trabalho analisa aspectos relativos à cor na construção da obra *O Menino Marrom* de Ziraldo. *O Menino Marrom*, publicado pela primeira vez em 1986, possui uma narrativa que introduz um olhar diferenciado e uma nova perspectiva de tratamento a um personagem negro. Nesta pesquisa, propomos verificar as associações e dissociações produzidas a partir das cores apresentadas no texto. *O Menino Marrom* trata da “cor da pele”, esclarecendo “o que é uma cor?” e as suas qualificações enquanto símbolos.

Palavras-chave: Literatura infantil e juvenil; Experiências literárias; *O Menino Marrom*; Ziraldo.


A utilização da *cor* como tema é recorrente nas obras do escritor Ziraldo. A obra *Flicts*, publicada em 1969, foi o primeiro livro a tratar de questões cromáticas. *Flicts* é o nome de uma cor diferente, rejeitada pelas outras cores que existem. Já *O Menino Marrom*, de 1986, é uma narrativa que permite uma nova abordagem de tratamento a um personagem negro. Ao contrário de outras histórias infantis comuns na década de 1980, esta obra introduz um olhar diferenciado e uma nova perspectiva de tratamento a um personagem negro. *O Menino Marrom* se coloca como uma obra literária atípica dentro das tendências de representação comuns à figura do negro na época do seu lançamento: associação à favela, a marginalidade, temas africanos ou afro-brasileiros, quilombo, ridicularização e humilhação do negro em determinados espaços sociais etc.

Nesta narrativa, o autor levanta questões relativas ao preconceito, de maneira leve e sem rodeios. Os personagens do livro e o autor-narrador partem de uma inquietação e dilema sobre o que são realmente as cores e como isso afeta às pessoas quando pensadas em suas relações com a pele. O próprio narrador coloca no texto que os personagens da narrativa: “Inventavam os brinquedos mais malucos do mundo, as indagações mais inquietantes.” (ZIRALDO, 2013, p.13)

A partir dessas “indagações inquietantes”, pretendemos neste artigo focar na questão da cor e as imagens por ela geradas. Almejamos, ao final, abrir os olhos dos leitores para o que está presente na superfície, observando atentamente e oferecendo mais um ponto de vista sobre a dicotomia entre branco e negro na sociedade brasileira.

A narrativa criada por Ziraldo atrai nossa visão a atenção para a capacidade inventiva e associativa do ser humano, alertando a todos para as dificuldades que os

¹ Graduada em Educação Artística (UFJF), Mestra em Letras: Estudos Literários (UFJF). Contato: lufreesz@gmail.com.



adultos tem de enxergar os símbolos e as analogias propagadas no meio sócio-cultural. Uma vez que: “só criança é capaz de observar as coisas com os olhos de primeira vez” (ZIRALDO, 2013, p.8) buscamos neste trabalho indagar, com o olhar de crianças, por que, nas relações entre brancos e negros², ainda permanecem associações a significados atribuídos às cores? Se: “para o homem, tudo vira símbolo”. (ZIRALDO, 2013, p.29), por que ainda não conseguimos ver nitidamente as associações e continuamos a atribuir qualificações às cores que acabam por se incorporar em comportamentos ou atitudes nocivas numa sociedade tão plural e multifacetada. Acreditamos estar contribuindo para uma nova visão reflexiva acerca das diferenças em um país tão heterogêneo como o Brasil.

Como em um conto de fadas a história tem início pela voz de um narrador que se assemelha à figura de um contador de histórias. Este narrador interfere a todo momento, com comentários pessoais, opiniões, digressões e um número considerável de referências à cultura de massa.


O narrador inicia a sua descrição física do menino com a frase – “sua pele era cor de chocolate” (ZIRALDO, 2013, p.3) – uma comparação que relaciona a cor marrom a algo considerado pela maioria das pessoas como bom e saboroso, o chocolate. E ele ainda acrescenta – “chocolate puro, não aqueles misturados com leite” (ZIRALDO, 2013, p.3) – estabelecendo, neste exato momento, a ideia de associação com uma cor genuína, que não deve ser “suavizada” ou “clareada” com a adição de leite. Sua pele não é “lactiforme”. (FANON, 2008, p. 57)

Percebemos, desde já, um comentário definitivo sobre a cor particular do menino. O narrador procura situar os leitores dentro da percepção exata, ou melhor, na cor crua³ (já que falamos de cores) exata a que ele quer se referir. De acordo com Israel Pedrosa:

a cor não tem existência material: é apenas sensação produzida por certas organizações nervosas sob a ação da luz – mais precisamente, é a sensação provocada pela ação da luz sobre o órgão da visão. Seu aparecimento está condicionado, portanto, à existência de dois elementos: a luz (objeto físico, agindo como estímulo) e o olho (aparelho receptor, funcionando como decifrador do fluxo luminoso, decompondo-o ou alterando-o através da função seletora da retina). (PEDROSA, 2014, p.20)

² Utilizamos aqui esta separação binária propositalmente para enfatizar a questão da cor, embora, na realidade, acreditamos que a terminologia “claros e escuros” seja mais coerente.

³ “É a cor pura, que não apresenta gradações.” (PEDROSA, 2014, p.26)



Dentro de nossa realidade, o menino marrom é identificado como um menino negro. Levando em conta que: “os dados psicológicos alteram substancialmente a qualidade do que se vê” (PEDROSA, 2014, p.21) é natural, que o leitor a primeira vista coloque o menino na “classificação social” de cor que ele conhece, portanto: negro.

No dicionário Aurélio, a palavra “negro” significa:

1. Preto.
2. Diz-se do indivíduo que tem a pele muito pigmentada.
3. Diz-se da raça cuja principal característica distintiva é a pele escura.
4. Sombrio, lúgubre.
5. A cor preta.
6. Indivíduo de raça negra.

Assumindo que a palavra ‘negro’ é igual a palavra ‘preto’ vemos que a essa cor sempre foram feitas associações a efeitos ou sensações negativas. É melhor ainda lembrar que: “o preto não é cor. Seu aparecimento indica a privação ou a ausência de luz.” (PEDROSA, 2014, p.132)


Entretanto, para não dispersarmos no terreno da teoria das cores, interessa-nos saber que comumente encontramos a *cor* qualificando objetos de forma muito mais negativa do que positiva. O artista plástico Wassily Kandinsky nos diz que: “não é sem razão que o branco é o adereço da alegria e da pureza sem mácula, o preto, o do luto, da aflição profunda, o símbolo da morte.” (KANDINSKY, 2015, p.96)

Na sequência as descrições –“As bolinhas dos olhos pareciam duas jabuticabas: pretinhas. Aliás, pretinhas, não. Jabuticabas não são pretas. Para falar a verdade, tem muito pouca coisa realmente preta na natureza.” (ZIRALDO, 2013, p.3) As jabuticabas são motivo de grande dúvida por parte deste narrador que opina dentro do texto. Ao relacionar elementos da natureza à cor preta ele pretende elucidar, dentro de nossa capacidade visual, a ilusão proporcionada pelas cores. Lembra ao leitor da aparência das cores e provoca-o a pensar nos enganos ocasionados pelo preto:

Se você for examinar bem a jabuticaba, vai descobrir que ela é roxa-muito-preta. Preta mesmo, não é. Mas deve ter coisas pretas-muito-pretas na natureza. Que tal cabelo de gente? Olha, dizem os estudiosos e especialistas que não existe cabelo humano absolutamente preto. Você sabia?

Ah! tem pelo de animal! A pantera é preta, as manchas do couro do boi são pretas, o gato preto é preto. E pretas são as asas da graúna, como são as do urubu, as do anum, as do condor e as do açum-preto.

E no reino vegetal, o que é que tem que é preto mesmo, absoluto? Aquele olhinho do fruto do guaraná, acho que é preto de verdade. E



tem o azeviche. Você conhece aquela canção que diz: “Da cor do azeviche, da jabuticaba, boneca de piche...”?

Pois é, azeviche deve ser pretão mesmo, pois o Ary Barroso – autor da música – não iria mentir pra gente. Mas... espera aí: azeviche não é vegetal. Ou é?

Bom: o que parece pretão mesmo, preto definitivo na natureza, é o carvão. Fica assim: o carvão é o preto absoluto, pronto. (ZIRALDO, 2013, p.3)


Ao estabelecer que o personagem do menino é marrom –“E vamos deixar de ficar falando nesse negócio de preto, pois a nossa história é do menino marrom.” (ZIRALDO, 2013, p. 3). Existe uma intenção do narrador em oferecer aos leitores uma estrutura de pensamento na qual eles não devem colocar a cor marrom e a cor preta como equivalentes, pois na associação habitual, eles estariam caminhando para considerar o menino “marrom” como “preto/negro”.

As caracterizações das cores se propagaram em direção a caracterização dos seres humanos. De acordo com a tese de doutorado *O papel do negro e o negro no papel* (2013) de Nobuyoshi Chinen, várias foram as justificativas encontradas para inferiorizar a figura do negro em relação ao branco. O autor deixa claro que, embora desde a antiguidade os homens já se reconhecessem em suas diferenças físicas, as ideologias raciais apareceram com as instituições sociais, que exploraram as diferenças fenotípicas humanas para ganhos financeiros. Sobre as primeiras associações:

Existem várias combinações possíveis de características que podem variar de acordo com a localização geográfica, embora, não do modo como muitas pessoas imaginam. Povos de locais diferentes podem ter traços físicos parecidos. O grande problema resulta do fato que a maioria das pessoas normalmente associa as variações físicas, que são visíveis, com variações menos observáveis como inteligência, motivação e moralidade, levando a um conceito de raça que não corresponde à variação que existe na natureza. Desse modo, raça não é um dado ou fenômeno biológico, mas uma construção social. (GRAVES JR., 2001, p.5 *apud* CHINEN, 2013, p.30)

Comparativamente à “construção social” das raças, podemos relacioná-la a questão da cor. Confirmando as “características” atribuídas a cor preta temos que:

Depois da abolição, a cor negra passou a ser vista como uma identidade negativa por estar associada justamente ao trabalho escravo e o “embranquecimento” era considerado pré-requisito para a



mobilidade bem-sucedida. Esses conceitos prevaleceram e fizeram parte da visão cognitiva de todas as sociedades americanas até boa parte do século XX. O que distinguia o Brasil não era tanto a ausência de preconceito, mas as sutis diferenciações que o preconceito criava. A classe era um determinante tão poderoso que em geral os atributos de classe influenciavam a definição de cor, independente das características fenotípicas do indivíduo. Muitos advogados negros eram definidos como mulatos, e mulatos, como brancos. (LUNA; KLEIN, 2010, p.339 *apud* CHINEN, 2013, p.31)

Voltando às descrições físicas do menino marrom, percebemos pelo texto a insistência do narrador em fazer com que o leitor enxergue as cores como são na natureza e não seja enganado pela abstração das palavras.

Após as descrições físicas o narrador se preocupa em oferecer ainda as características psicológicas da criança. De personalidade curiosa – “Era, isto sim, muito curioso” –, o menino marrom é uma criança normal, inventiva e inteligente. Como todas as crianças ele também chega a idade do por quê – “Por que a água escorrega? Por que o fogo é quente? Por que eu tenho que ir dormir? Por que eu não tenho irmão? Mãe, por que é que a sua barriga ficou grande?”. (ZIRALDO, 2013, p.6)


Vimos que, ao descrever e associar as diferenças pelas cores e formas, o narrador traz à tona a figura de uma criança comum. No texto, ocorre a dissociação da cor da pele do menino da cor preta. O menino marrom é apenas um menino. A partir das associações e das dissociações, o menino marrom é “humanizado” constituindo-se como personagem destituído de estereótipos negativos ou de conotação pejorativa.

Em *O Menino Marrom* a história irá se desenvolver em torno da relação de amizade entre dois meninos. Em um tempo e lugar indeterminado ambos irão se deparar com as curiosidades e dúvidas da infância.

Na história, dois personagens são destacados: o menino marrom que aparece logo no início da narrativa e o menino cor-de-rosa, que aparece logo em sequência. Ambos não tem nome próprio e são assim denominados por suas cores.

Para categorizar o menino cor-de-rosa⁴, o narrador se depara com as difíceis questões visuais impostas. No trecho abaixo:

⁴ Acreditamos que o autor optou por denominar o menino “cor-de-rosa” e não “rosa” para evitar a associação com a flor.



Bem, as crianças não são exatamente cor-de-rosa. Elas só tem essa cor em desenhos e em livros infantis. O problema dos poetas é que a cor da pele não tem um nome exato⁵. Quando, por exemplo, faço uma ilustração para um livro e faço o desenho com traços preto sobre papel branco, eu indico as cores que quero para cada detalhe. E aí, anoto a lápis, do lado, para o técnico da gráfica colorir meu desenho com seu sistema de filmes coloridos.

Um dia, mandei o desenho de um personagem para ele e marquei do lado as indicações das cores que eu queria: “Quero amarelo na camisa, verde-escuro na calça e cor de pele no menino”.

O técnico da gráfica me ligou de volta: “Escuta, o senhor quer cor de pele branca ou cor de pele marrom?” (ZIRALDO, 2013, p. 8)

Nesta digressão dentro da narrativa, observamos novamente à problemática das associações com as cores. A indagação faz o narrador pensar sobre qual cor da pele ele está se referindo. O que levou o autor a pensar no tema foi a situação de reflexão imposta pelo funcionário da gráfica.


Nesse sentido, nos deparamos com um problema. Aproveitando o comentário de Fanon: “O problema é muito importante. Pretendemos, nada mais, nada menos, liberar o homem de *cor* de si próprio. Avançaremos lentamente, pois existem dois campos: o branco e o negro.” (FANON, 2008, p.26). Nesses campos polarizados (branco e negro) existe uma vasta gama de cores que são as peles, então, como é possível pensar em uma cor única, que possa ser a cor “oficial” da pele humana?

Em determinado momento do texto, os dois meninos esbarram (agora é a vez deles) na questão das cores. No trecho abaixo:

Foi numa tarde, os dois brincavam com suas cores, quando o menino marrom misturou todas as tintas que tinha na caixinha de aquarela, todas as cores do arco-íris. E aí, sabe que resultado que deu? A mistura de todas as cores todas deu um marrom. Um marrom forte como o do chocolate puro. O menino marrom olhou para aquela cor que ele tinha inventado e falou: “Olha aí, é a minha cor!” (ZIRALDO, 2013, p.15)

É nesse momento da história que o menino marrom se vê –“Olha aí, é a minha cor!” – pois até então, a sua cor era “invisível”. No episódio, ambos os meninos ficam

⁵ Uma curiosidade: no ano de 2015, a Uniafro (Programa de Ações Afirmativas para a População Negra), em parceria com a empresa Koralle, criou um estojo de giz de cera com 12 cores de pele, que variam do bege ao marrom-escuro. A ideia é fazer com que as crianças encontrem tons entre opções mais realistas, mostrar a diversidade racial da nossa população e promover a igualdade entre os alunos. Ainda que a intenção seja boa, sabemos que a variedade de tons de cores “da pele” ultrapassa a pequena amostra de 12.



inquietos e querem entender sobre as cores. Na sala de aula, a professora mostra para os meninos o Disco de Newton, o que faz com que ambos fiquem com mais dúvidas do que já estavam.


Ao retomar a polêmica questão das cores, agora a da cor branca, os personagens começam a tomar consciência da constituição de suas cores. Mais a frente, no texto:

Os dois voltaram para casa calados, com a cabecinha fervendo.
A coisa tinha ficado deste jeito: se misturar todas as cores e elas não girarem, elas ficam marrom.
Se misturar todas as cores – em partes iguais – e botá-las para rodar, elas viram o branco.
Estava tudo assim, quando, de repente, o menino marrom falou para o menino cor-de-rosa:
“Quer dizer que eu sou todas as cores paradas e você é todas as cores em movimento?”
O menino cor-de-rosa pensou um pouco e respondeu: “Só tem um detalhe: eu não sou branco!”
Pronto. Agora é que as coisas complicaram de vez...
E voltou aquela discussão: o que é realmente branco na natureza?
O tipo da pergunta de menino curioso!
(ZIRALDO, 2013, p.18)

Continuando a narrativa, os próprios personagens se reconhecem visualmente. Eles são dois meninos que um dia descobrem serem de cores distintas:

Puxa vida! Se um era marrom e o outro era – digamos – cor-de-rosa, por que é que todo mundo dizia que um era preto e o outro era branco?
Imagina: eles nunca haviam se preocupado com isso. Mesmo marrom, o menino marrom achava normal ser chamado de preto. Mesmo cor-de-rosa, o menino cor-de-rosa achava normal ser chamado de branco.
Agora, como na caixa de aquarelas, estava tudo misturado na cabeça deles.
Eles tinham estado juntos, praticamente, desde o dia em que nasceram, brincando, conversando, inventando coisas, brigando, rolando na grama, dando socos um na cara do outro, fazendo as pazes, brigando de novo, passeando na praça, jogando na escola, sempre juntos, sempre às gargalhadas, sempre inventando moda.
E nunca tinham se preocupado com o fato de um ser de uma cor e o outro ser de outra.
Agora, eles queriam saber o que que era branco e o que que era preto e se isso fazias os dois diferentes. (ZIRALDO, 2013, p.20)

No trecho acima, percebemos que a questão da cor é totalmente invisível para aqueles que não se depararam com alguma situação na qual o “elemento cor” é posto



em análise. O problema é a cor, é aquilo que está na superfície. A pergunta –“por que é que todo mundo dizia que um era preto e o outro era branco?” – atinge, de dentro para fora do texto a experiência da realidade. Se distanciando da inocência, eles finalmente vão pensar sobre suas identidades. Ambos nunca haviam se preocupado com suas diferenças.

O choque experimentado pelos personagens é proporcional à separação entre as duas cores enquanto cores. Em outro momento, o menino marrom, já crescido, percebe, de maneira simples e direta a existência da discriminação de cor:


“Se o azul é uma cor fria e o vermelho é uma cor quente, por que é que, na cabeça de ninguém, uma é o contrário da outra? Quem foi que inventou que o preto é o contrário do branco? Se eu sou marrom e se meu melhor amigo não é exatamente branco, por que é que nos chamam de preto e de branco? Será que é para que fiquemos um contra o outro?” (ZIRALDO, 2013, p.29)

As perguntas impostas pelo menino põem em dúvida a maneira como entendemos o mundo ou pensamos entendê-lo, pois provocam um desconforto na nossa consciência, ao mesmo tempo em que aguçam ansiosamente o nosso senso crítico.

Assim como o negro é construído como negro, e o branco construído como branco, a “cor da pele” é construída. Aos diferentes tipos humanos foram associadas características das cores e o que elas representam, tanto positiva quanto negativamente. O cérebro humano não consegue distinguir, ou apresenta extrema dificuldade em dissociar a cor de seu simbolismo. Para melhor exemplificarmos nosso argumento: quando se diz “menino branco”, de imediato vemos a cor branca e todas as suas combinações de significado, as relações simbólicas estabelecidas com a realidade. Da mesma forma, com “menino negro” vemos toda a gama de imagens que a cor/palavra “negro” pode produzir.⁶

Fica evidente que ao descobrirem as coisas por si mesmos, os meninos se enxergam como iguais. Para as crianças, em especial o menino marrom e o menino cor-

⁶ Para que isto fique mais claro, basta digitar no buscador de imagens do *google* a palavra “nego”, derivação da palavra “negro” e observar a enorme quantidade de textos expressos de forma sarcástica ou pejorativa agregadas a fotos de homens negros comuns ou famosos (atores, cantores, jogadores de futebol etc). Frases como: “nego se assusta”, “nego não se enxerga”, “nego se acha”, dentre outras, são exemplos da associação negativa a uma palavra.



de-rosa e na construção de seu mundo⁷, os preconceitos e as diferenciações do mundo adulto soam como tolices. Segundo Benjamin:

A criança exige dos adultos explicações claras e inteligíveis, mas não explicações infantis, e muito menos as que os adultos concebem como tais. A criança aceita perfeitamente coisas sérias, mesmo as mais abstratas e pesadas, desde que sejam honestas e espontâneas [...] (BENJAMIN, 1987, p. 236-7)

A obra *O Menino Marrom*, possuindo uma narrativa que argumenta a diversidade por meio das cores, trata em seu texto das diferenças de forma honesta e espontânea. No terreno da literatura infantil, promove a sensibilidade dos leitores para a afirmação de que as oposições não devem existir. Todos nós deveríamos agir como faz o menino marrom: “ele deu um sorriso lindo, [...] ele havia descoberto que o preto *não* era o contrário do branco!” (ZIRALDO, 2013, p.30)


Nesta narrativa, presenciamos a busca pela razão, a procura de argumentos sinceros no que diz respeito às diferenças entre os seres humanos. Sendo uma obra literária voltada para o público infantil, as indagações levantadas pelo menino marrom, pelo menino cor-de-rosa e pelo narrador encontram ou deveriam encontrar eco no público adulto.

A história da amizade entre o menino marrom e o menino cor-de-rosa faz parte de um “encontro saudável”⁸ entre seres diversos. Com perguntas e propostas básicas, simplifica as relações entre brancos e negros. O menino marrom não tem complexos de inferioridade, ele é uma criança, e como tal tem o mundo para desvendar e tentar entender. Pelo fato de ser ainda menino, é um personagem curioso, que não tem medo de buscar argumentos lógicos para seus pontos de vista. Ele ainda é imune a certos complexos.

O autor Ziraldo deixa claro (o uso da palavra não é proposital) exatamente a “questão da cor”. A questão da inclusão e do respeito às diferenças, algo que deveria ser próprio do humano, só vem sendo pensada na contemporaneidade. A narrativa é um esclarecimento sobre a ideia das cores e suas qualificações enquanto símbolos.

⁷ “Assim, as próprias crianças constroem seu mundo de coisas, um microcosmos no macrocosmos” (BENJAMIN, 1987, p.238)

⁸ Segundo Fanon: Nosso objetivo é tornar possível um encontro saudável entre o negro e o branco. (FANON, 2008, p.81)



Tendo em consideração a abordagem que o autor decidiu tomar, a narrativa propõe uma apresentação inocente e direta para impasses nas questões raciais. Para os personagens da história não existe medo da cor, ambos os personagens agem no sentido de “enfrentar o mundo” (FANON, 2008, p.80) da maneira mais simples possível.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. “Livros infantis antigos e esquecidos”. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Vol1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CHINEN, Nobuyoshi. **O papel do negro e o negro no papel**. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo /USP, São Paulo, SP, 2013. Disponível em:< www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde.../Nobuyoshi.pdf >, acesso em 01 de março de 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. SILVEIRA, Renato da. [Trad.] Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

KANDINSKY, Wassily. **Do espiritual na arte e na pintura em particular**. CABRAL, Álvaro; DANESI, Antonio de P. [Trad.] São Paulo: Martins Fontes, 2015.

PEDROSA, Israel. **Da cor à cor inexistente**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

ZIRALDO. **O menino Marrom**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013.

ZIRALDO. **Flicts**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2005.

Site do autor Ziraldo. Disponível em:<<http://www.ziraldo.com/home.htm>>, acesso em 9 de março de 2016.